

CABELIVÊNCIA: CONVERSAS-VIVÊNCIAS CAPILARES E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA DA NEGRITUDE NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE VOZES FEMININAS NEGRAS.

Millena da Silva¹

RESUMO

Este artigo surge a partir da experiência de conversas com vozes femininas negras, que levantam a pergunta: "Afim, qual é o meu cabelo?". Foi realizado um grupo focal com pessoas negras, com o objetivo de entender a relação entre cabelos e memória como elementos influentes na formação estética e social, e como essas mulheres percebem a sociedade e sua negritude. Utilizamos a metodologia "Escrivência", cunhada por Conceição Evaristo (2013), além de pesquisa bibliográfica e documental a partir das fontes do Jornal Clarim da Alvorada (1932). O resultado é uma reflexão histórica e antropológica sobre os desafios do racismo estético e seu impacto na formação da identidade de pessoas negras, especialmente mulheres.

Palavras-chave: Cabelos - Identidade - Mulheres Negras - Formação estética

INTRODUÇÃO

Desembaraçando os fios - Alguns apontamentos históricos:

Eu nasci nos anos 80,era muito discriminada na escola, naquela época não tinha esse negócio de bullying né? E como hoje tem avisando as crianças que isso não pode falar que isso mágoa. [pausa] Mas por um lado isso fortaleceu as crianças dos anos 80[...] (Souza,2024, informação verbal.²)

A construção deste artigo parte de uma pesquisa qualitativa que questiona sobre cabelos e memórias, envolvendo um grupo focal de seis vozes femininas negras. Entre as participantes, havia crianças, jovens e adultos de idades variadas, entre 06 e 39 anos. O objetivo era entender como o elemento capilar influencia seus modos de sentir e sua autoimagem, e as respostas foram construindo aquilo que iremos chamar de *Cabelivência*. Foi analisado durante as entrevistas, a relação entre cabelos e memória se

¹ Mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação Educação, contextos contemporâneos e demandas populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEDUC). Licenciada em História pela UFRRJ. Endereço eletrônico:millenabprof@gmail.com

² Informação concedida pela cabeleireira Lidianna Souza (39 anos) em 01 de Julho de 2024.

revelando um elemento crucial para a formação estética e social, influenciando como essas mulheres percebem a sociedade e sua negritude.

De fato, a dicotomia racial é ensinada desde cedo, começando na infância e perpetuando-se até a fase adulta. Isso direciona nosso olhar para determinadas percepções de cor/raça e atribui valores sociais, ou seja, preconceitos. No caso das pessoas negras, isso resulta em múltiplas formas de racismo³. Este então, opera em diversas esferas – corporal, linguística, estética – e se atualiza constantemente, garantindo que a branquitude⁴ permaneça em uma posição privilegiada e de poder.

O conceito de memória será a luz de condução deste artigo. Dialogando sobre, recorro a autora Lélia Gonzalez (1984) que argumenta a importância da memória ser um lugar dos sujeitos tomarem consciência, pois “a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção” (GONZALEZ 1984:226). Correlaciono também o pensamento de Pierre Nora (1993), “memória é vida, carregados por grupos vivos, ela está sempre em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vi no eterno presente. É afetiva e mágica [...] A memória instala a lembrança no sagrado emerge de um grupo que ela une. A memória se enraizando no concreto, no espaço, na imagem, no objeto a memória é um absoluto.” (NORA,1993:9)

Ambos os autores alertam que a memória se enraíza no objeto e, nesse sentido, pode ser manipulável (ficcional). Ela é carregada por grupos vivos, podendo refletir percepções ou ausências determinadas por discursos ideológicos. Sendo assim, o cabelo entrelaçado ao sinônimo de memória de beleza interagiu como símbolo de poder e da autoestima ligada a ele, sendo questão de mulheres se sentirem bonitas e legítimas. Neste processo, ocorre a construção do “outro”. Um olhar da memória em afirmar determinados sujeitos e grupos sociais por adjetivos antagônicos, ou seja, o “outro”, é sempre oposto do “eu”, que se encontra diferente.

³ O racismo opera fundamentado nas relações de poder, determinando diferentes modos de tratamento para pessoas pertencentes a grupos sociais específicos. Esses modos de tratamento são baseados nas vantagens que a categoria racial oferece, agindo de maneiras individuais, institucionais e estruturais. Esse espaço de poder é geralmente dominado por homens brancos. (ALMEIDA, 2018).

⁴ Posicionamento de vantagens e de privilégios econômicos, políticos estruturalmente raciais, um lugar a qual pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade. (FRANKENBERG,1995). Complementando, a “branquitude, protegem e fazem a manutenção desses lugares de poder, fazendo com que pessoas brancas sempre prefiram pessoas brancas.” (BENTO,2022)

Em 1933, O Jornal *Clarim da Alvorada* (1924-1964), um dos mais importantes veículos da imprensa negra brasileira circulou a propaganda “O Cabelisador” se tratando de um pente quente que prometia alisar quaisquer cabelos crespos sem dor. O *Clarim da Alvorada* fez parte da Imprensa Negra Paulista. A historiadora Giovana Xavier (2021), revela nos periódicos, os cabelos e pele foram atributos frequentemente abordados pelos jornais e foram foco de campanhas publicitárias e salões de embelezamento. Portanto, esses empreendimentos voltados para o público negro, além de proporcionarem retorno financeiro, visavam emancipar e estabelecer um critério de boa aparência dentro da comunidade negra. (XAVIER, 2021:138) E esta “boa aparência”, precisa ser lisa e semelhante ao traço dos sujeitos brancos.

Complementando, Joyce Silva (2015), aponta ser comum anúncios de “alisaderias”, assim como os de produtos revolucionários para o tratamento de cabelos crespos. Nesse período, havia uma grande influência do branqueamento como corrente ideológica predominante, incentivando a negação da ancestralidade africana. (SILVA, 2015:123)



Fonte: Propaganda “O cabelisador” - *O Clarim d’Alvorada*, 28 de setembro de 1929, p. 4.

Neste sentido, observamos a presença do elemento capilar na construção da imagem das mulheres negras no século XX. É importante destacar que, nesse período, a política brasileira passava por transformações significativas, começando com o golpe de estado liderado por Getúlio Vargas (1930-1945). Esse período foi marcado por tentativas de formar uma imagem de cultura e identidade nacional. Segundo a historiadora Eliana Dutra (2015), os métodos culturais utilizados no Governo Varguista, entre 1930 e 1945, foram usados como ferramentas de afirmação da civilização e de “abrasileirar” a identidade nacional, além de servirem como instrumentos políticos para Vargas. Os embates em torno da nacionalização e universalização da cultura giravam em torno da tradução da língua portuguesa e de outras literaturas, posicionando a língua brasileira como elemento central da cultura. Assim, a política do estado nacional operava em duas frentes: nacionalização e internacionalização

O Movimento Negro Brasileiro, conforme aponta o historiador Petrônio Domingues (2007), adotou, neste período, uma estratégia de "inclusão" assimilacionista, promovendo a integração social com um discurso pró-mestiçagem. Neste contexto, surgiu a imprensa negra, com jornais dedicados a discutir as questões da comunidade. Segundo José Correia Leite, a comunidade negra necessitava de uma imprensa alternativa que trouxesse informações exclusivas (DOMINGUES, 2007). Esses jornais abordavam temas como trabalho, habitação, educação e saúde, além de denunciar o regime de "segregação racial" que restringia o acesso de negros a vários espaços públicos e privados. A imprensa também propunha soluções educacionais e morais para o racismo. A criação da Frente Negra Brasileira (1931-1938) foi outro marco importante, promovendo a valorização da cultura negra e lutando contra o racismo. Tornando-se um partido político, visava conquistar o voto da "população de cor" em 1936. No entanto, com a ditadura do Estado Novo em 1937, todas as organizações políticas, incluindo a Frente Negra, foram dissolvidas (DOMINGUES, 2007).

Podemos observar conversas transatlânticas e a circulação de informações entre o Brasil e os Estados Unidos, especialmente no contexto de produtos de beleza, que também conectavam os movimentos negros dos dois países. Um exemplo é o anúncio "Brazilian Toilet Luxuries," que promovia o "branqueamento" da pele. Xavier (2021) aponta que, em ambos os países, a cosmética negra foi central nos debates sobre feminilidade e criou hierarquias internas de beleza baseadas em traços e tons de pele, oferecendo uma forma alternativa de resistência ao racismo (XAVIER, 2012).

Adriana Quintão (2013) observa que o alisamento capilar, adotado por muitos como uma estratégia do Novo Negro nos EUA, era menos uma aceitação do preconceito e mais uma tentativa de moldar uma imagem "respeitável" frente à sociedade branca, reforçando a complexidade das questões de identidade e resistência (QUINTÃO, 2013). O movimento do Novo Negro nos Estados Unidos, foi ao mesmo tempo movimento de acomodação e resistência. Embora a ideia fosse repudiar estereótipos acerca da imagem dos negros criados por uma sociedade majoritariamente branca, promoveu-se uma associação da noção de beleza à imagem da mulher negra, ao aspecto da escolha pelo alisamento dos cabelos e o clareamento da pele como forma de resistência. Desta forma, "enquadravam" a imagem do negro em uma aparência "embranquecida". (QUINTÃO, 2013:18).

Entretanto, a colonização privou as pessoas negras de sua autoestima, e a mentalidade colonizadora cristalizou a ideia de que o cabelo liso era a chave para a "salvação" da raça. Segundo as autoras, Ayana Byrd e Lori Tharps no livro "Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America" [História do cabelo: desembaraçar as raízes do cabelo preto na América], durante o século XIX na sociedade norte-americana, ocorreu uma hierarquização na criação de uma "elite negra", que levou ao alisamento capilar e ao clareamento da pele sendo vistos como uma forma de "amenizar" a aparência negra. Isso era considerado necessário para a integração social dos negros e sua aceitação pela sociedade predominantemente branca, dando origem ao conceito do "Novo Negro". (Byrd & Tharps, 2001:36,38).

Outro ponto de conexão é a estética capilar exercida por esse movimento negro transnacional, que aparece como estratégia e agente imagético, usando o corpo para demarcar politicamente a reivindicação do lugar social do "negro".

Vale ressaltar que ambas as sociedades vivenciaram o processo de escravização de pessoas negras: a colonização inglesa na América do Norte, nos Estados Unidos, e a colonização portuguesa na América do Sul, no Brasil, esse processo colonizador sequestrou a dignidade humana de povos africanos e nativos da terra. Mesmo após o processo de abolição, a construção do "outro" colocou em lugares de subalternidade e exploração todos aqueles que eram diferentes dos "brancos", universais e colonizadores. A indústria cultural, principalmente o cinema, não cessou de reforçar uma mentalidade de beleza entrelaçada ao imaginário da identidade branca, tornando-se símbolo de beleza, vitalidade e harmonia. Em contraste, ao "outro", no caso, o negro, oferece-se o antagonismo daquilo que não é.

Neste sentido, o elemento capilar carrega raízes históricas e é um signo complexo para a comunidade negra, especialmente para as mulheres. Retornando à fala da entrevistada Souza (39 anos), em paralelo ao pensamento de González (1984), observamos a construção de uma mentalidade associada à memória que reconhece a existência do racismo e preconceito, mas ao mesmo tempo constrói uma ficção que nega essa realidade em decorrência de políticas raciais que lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objetos. (GONZÁLEZ:1984:132)

Cabelivência - experiências capilares e vivências da negritude

Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946-presente), é mineira, mulher negra, e a primeira mulher negra a ocupar a Academia Mineira de Letras. Linguista de formação e premiada escritora afro-brasileira, seus escritos são referências na literatura contemporânea brasileira. Entre seus numerosos manuscritos, destaca-se "Becos da Memória" (2013). O impacto profundo da leitura de sua obra nos remete ao conceito de "Escrevivências", que ela define como "construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou melhor, escrita e vivência" (EVARISTO, 2013:12).

Nesse sentido, a metodologia de "Escrevivências", cunhada por Conceição Evaristo (2017), será utilizada para análise das conversas sobre vivências capilares. Parafraseando, "Cabelivência" a escrita a partir das narrativas de vivências capilares por sujeitos negros. Como aponta Adilbênia Freire Machado (2019), "escrevivências" implica em criar nossas próprias ferramentas, categorias e termos para aprender, ensinar, desenhar, bordar, costurar, crocheter, trançar, pintar, escrever, criar e tecer nossos escritos. Ou seja, é uma metodologia que está em movimento desde as andanças do próprio viver em relação e invenção/pesquisa com outras pessoas (MACHADO, 2019:23).

Conversar com pessoas negras sobre suas experiências capilares, especialmente mulheres de diferentes faixas etárias, tem se tornado uma fonte valiosa de conhecimento sobre a formação estética e seu impacto na percepção da negritude e na forma como estão sendo percebidas na sociedade. Neste diálogo, relacionando perguntas em comum: "Como você se sente em relação ao seu cabelo?"; "Qual personagem da mídia você se inspira/inspirava na sua infância?"; "Como você se sente em relação aos cuidados do seu cabelo?"; "Você já vivenciou ou presenciou episódios de racismo capilar?"; "Como você percebe a sua percepção de negritude e a performance capilar?", "Como você se sente em relação aos comentários positivos e/ou negativos em relação aos seus cabelos?" Surgem respostas como:

Então é na minha época de escola, lá para os meus 7, 8 anos de idade, todas as minhas coleguinhas da escola, todas elas eram brancas, de cabelo liso, ondulado e... Eu não senti o meu cabelo bonito naquela época, eu queria que o meu cabelo fosse igual o delas, porque o delas eram bonito e quando tinha uns 10, 11 anos, eu lembro disso até hoje, uma coleguinha chegou e falou assim, estava numa roda assim de amigas e uma delas falou assim, qual é o seu tipo de cabelo? Aí uma disse foi e falou, não, não é cacheado. E ela, Ah, o meu liso e o seu Andressa? E eu fiquei assim, travada, porque o meu cabelo não era liso, também não era cacheado. Ela falou que meu cabelo é duro porque o

povo ficava zoando, chamando meu cabelo de duro e aí tudo ele me fez sentir um pouco mal. (Silva, 2024, informação verbal.⁵)

A performance capilar é um elemento presente em narrativas desde metáforas, cantigas e filosofias. Na Bíblia, por exemplo, a história de Sansão ilustra o cabelo como símbolo de força; ao ser enganado por Dalila, que permitiu que seu cabelo fosse cortado, Sansão perdeu sua vitalidade.

Na mitologia grega, Medusa é uma figura com cabelos de serpentes que petrifica aqueles que a olham. Antes de ser temida, Medusa era uma jovem bela, mas, após ser violada por Poseidon no templo de Atena, foi punida por esta, tendo sua aparência transformada. Perseu a decapitou, e a cabeça de Medusa foi usada como símbolo de vitória no escudo de Atena.

Nas sociedades africanas, o cabelo carrega um valor simbólico, identificando estado civil, origem, idade, religião, etnia e posição social, servindo como marcador de identidade coletiva.

Na América, especialmente em contextos raciais, o cabelo desempenhou um papel importante em processos de "civilização" e violência estética. Mulheres negras recorriam ao alisamento para se aproximar de um ideal branco de beleza, com produtos químicos atuando como instrumentos dessa transformação. O cabelo tornou-se, então, um símbolo de poder e autoestima, sendo um marcador visual, filosófico e político da identidade feminina negra.

O antropólogo Kabengele Munanga (2009) destaca que a identidade é construída pela consciência das diferenças entre "nós" e "outros", e o cabelo pode atuar como um agente na percepção e posicionamento dos indivíduos em seu meio social. Anthony Synnott, em *The Body Social: Symbolism, Self and Society* (1993), também explora a relevância dos aspectos simbólicos na construção da identidade:

O cabelo é significativo, no entanto, não apenas na etnografia de cultura popular, mas também em teorias mais gerais do corpo e teorias do simbolismo. No que diz respeito à sociologia do corpo primeiro, a sociologia do cabelo chama a atenção para a estreita relação entre o corpo físico e o corpo social nos dois aspectos de gênero e ideologia. Gênero e ideologia são "feitos carne" no cabelo como as pessoas se conformam ou se desviam das normas e até mesmo se desviam de normas desviantes; assim, simbolizam sua religião, política,

⁵ Informação concedida pela técnica em enfermagem Andressa Silva (23 anos) em 01 de Julho de 2024.

identidades sexuais, sociais, ocupacionais e idiossincráticas.
(SYNNOTT,1993, p. 103)

Assim, a simbologia do cabelo acompanha as identidades e normas sociais. Nesse sentido, o cabelo reproduz sentidos individuais e coletivos por ser um elemento material, refletido nas construções sociais vigentes. Além disso, a percepção sobre o fio capilar pode oscilar de acordo com as circunstâncias sociais que estes sujeitos ocupam, ressaltando a importância da análise antropológica.

Conforme aponta Nilma Lino Gomes (2008) em sua pesquisa de doutorado, frequentando salões étnicos brasileiros, o cabelo funciona como uma linguagem do corpo social, expressando o conflito racial vivenciado entre negros e brancos. Sua tese revela como a identidade negra é construída através da estética do corpo e do cabelo, e como esses elementos impactam fortemente a identidade das pessoas negras. Em algumas situações, essa estética pode ser vista como um estigma de inferioridade para os sujeitos negros (GOMES, 2008:22).

Confusa. Porque tem vezes que eu me sinto aqui porque o cabelo está bem, às vezes está mal. Às vezes ele está bonito, às vezes ele está feio. Bom, quando eu não cuido, não é desde de qualquer jeito. Quando ele está penteado, quando ele eu faço uma massagem no meu cabelo, hidratado, ele fica bastante bonito. É isso também tem bastante vezes que o meu cabelo ele está cheio porque o meu cabelo é cheio, só que eu acho ele feio, aí eu vou lá e penso prendo e fica realmente feio. (Silva, 2024, informação verbal.⁶)

Quando ele tá preso. Eu prefiro porquê não quero ele voando na minha cara. (Rosa, 2024, informação verbal.⁷)

Do mundo é, hoje em dia as pessoas são muito racistas, sabe, são muito preconceituosas. (Santos, 2024, informação verbal.⁸)

Nas falas das entrevistadas, Silva (12 anos), Rosa (6 anos) e Santos (13 anos), percebemos a ligação entre a vivência capilar e sua formação estética, e como elas percebem um problema social relacionado ao controle da performance capilar, até mesmo associado ao racismo.

Santos (12 anos) expressa claramente essa percepção, identificando-a como racismo. Kilomba (2019) aponta que o cabelo é uma das formas de controle e apagamento dos chamados "sinais repulsivos" da negritude.

⁶ Informação concedida pela técnica em enfermagem Manuella Silva (12 anos) em 01 de Julho de 2024.

⁷ Informação concedida pela técnica em enfermagem Lorena Rosa (06 anos) em 01 de Julho de 2024.

⁸ Informação concedida pela técnica em enfermagem Fernanda Santos (12 anos) em 01 de Julho de 2024.

Eu gosto muito do meu cabelo, gosto agora. Eu também gosto dos cachinhos dele. Eu também gosto de fazer “baby hair” e assim me sinto bonita, pois praticamente toda a minha autoestima está no meu cabelo se o meu cabelo está ruim, eu também estou ruim, tudo por tudo, entendeu? Agora, se ele está bom, estou ótima também. (Silva, 2024, informação verbal.⁹)

A fala da entrevistada Silva (13 anos) expõe como seus fios de cabelo são o maior sinal de se sentir bem e de reconhecer sua identidade e sua vivência emocional ligada a eles. O Movimento Negro Unificado (MNU), presente desde o final da década de 1970, desempenhou um papel crucial em desmistificar o mito da democracia racial. Utilizou a promoção da autoestima, incluindo a valorização da cor e do cabelo, como estratégia para compreender e afirmar os traços que constituem a identidade do ser negro, ou seja, um dos instrumentos mais importantes da consciência política que transmitem a mensagem do fortalecimento racial.

Encaracolando as vivências - Conclusão

A diversidade das *Cabelivências* pode nos encaminhar para três linhas de apontamentos nesta produção. A primeira linha procurou mostrar que os processos de colonização resultaram em diferenças raciais para as pessoas negras, e o elemento capilar tornou-se uma ferramenta de fortalecimento e uma imagem visual para comunicar a emancipação social dos sujeitos. Além disso, a conversa transnacional entre Brasil e Estados Unidos estabeleceu uma indústria cosmética que desempenhou um papel significativo na construção e busca de uma identidade cultural entrelaçada com a raça.

Na sequência, observamos a comunicação social acompanhada pelos movimentos sociais ocorridos no Brasil e nos Estados Unidos, ligados à emancipação por direitos sociais e ao combate à discriminação racial. Contudo, na década de 1970, ambos os territórios alinharam seus discursos para a descolonização estética. Entretanto, para alguns sujeitos sugere que o discurso da democracia racial aliado ao alisamento e ao uso do pente quente era tão presente que a memória se aliou à consciência da inexistência do racismo.

Em terceiro lugar, a construção da formação da negritude aliada à autoestima (modos de sentir) e à valorização dos fios de cabelo protagonizou o que bell hooks chamou de "descolonização de nossas mentes e imaginações": aprender a pensar e ver tudo com

⁹ Informação concedida pela estudante Anna Jullya Silva (13 anos) em 01 de Julho de 2024.

novos olhos, a fim de entrar na luta como sujeitos e não objetos (hooks, 2019). No entanto, esse é um caminho ainda a ser perpetuado, uma vez que as entrevistas ainda apontam um sentimento de confusão e a ausência visual de personagens midiáticos em seu meio que promovam a desconstrução estética capilar colonizadora que negam seus signos de negritude. Esse movimento de encontrar uma identidade (modos de se ver) aliada à estética parte de sua ancestralidade e vivências entre e com outras pessoas negras.

REFERÊNCIAS

- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2017.
- hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: **Elefante**, 2019, 356 p.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1987.
- KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: **Cobogó**, 2019.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados. **Tese (Doutorado)**, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos. 2. ed. São Paulo: **Ática**, 1988.
- NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012.
- QUINTÃO, Adriana Maria Penna. O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. Universidade Federal Fluminense (UFF), p. 196, 2013. (**Tese de Doutorado**).
- SILVA, Joyce Gonçalves da. “Nós também somos belas”: a construção social do corpo e da beleza em mulheres negras. **Dissertação (Mestrado)**, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2015.
- SYNNOTT, Antony. *The Body Social: Symbolism, Self and Society*. London: **Routledge**, 1993, p. 309.
- XAVIER, Giovana. Brancas de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930). Campinas, SP: [s.n.], 2012. (**Tese de Doutorado**).